

L I O N E L S H R I V E R



A F A M Í L I A M A N D I B L E

2029-2047

A família Mandible
2029-2047

Lionel Shriver

Tradução de Vera Ribeiro



Copyright © 2016 by Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL

The Mandibles: A Family, 2029-2047

PREPARAÇÃO

Luara França

Milena Vargas

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

Fernanda Machtyngier

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S564m

Shriver, Lionel, 1957-

A família Mandible : 2029-2047 / Lionel Shriver ; tradução

Vera Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

448 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Mandibles : a family, 2029-2047

ISBN 978-65-5560-129-9

ISBN 978-65-5560-067-4 [ci]

1. Ficção americana. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

20-66899

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

ÁGUA CINZA

— Não use água limpa para lavar as mãos!

A intenção era lembrar de forma gentil, mas a advertência saiu estridente. Florence não queria parecer o que seu filho chamaria de uma *bostejanta*, mas as regras da casa eram simples. Esteban as desrespeitava o tempo todo. Havia outras maneiras de provar que você não obedecia às ordens de nenhuma mulher (ligeiramente) mais velha sem ter que desperdiçar água. Ele era um homem tão incrivelmente bonito que ela o deixaria sair impune de quase qualquer outra coisa.

— Perdoe-me, Pai, porque eu pequei — resmungou Esteban, mergulhando as mãos na bacia de plástico da pia que captava águas residuais. Tiras de repolho boiavam perto da borda.

— Isso não faz sentido, faz? — perguntou Florence. — Depois que você já usou a água limpa, usar a cinza?

— Só estou fazendo o que mandaram.

— Essa é nova.

— O que deixou *you* nesse bom humor? — Esteban enxugou as mãos, agora engorduradas, em um pano de prato ainda mais ensebado (outra regra, e assim um rolo de toalhas de papel dura seis semanas). — Deu alguma coisa errada na Adelphi?

— Tudo sempre dá errado na Adelphi — resmungou ela. — Drogas, brigas, furtos. Bebês berrando com eczema. Abrigos para sem-teto são assim. Sinceramente, não entendo por que é tão difícil fazer os moradores darem descarga. Esse é o cúmulo do luxo aqui em casa.

— Queria que você arrumasse outra coisa.

— Eu também. Mas não conte a ninguém. Ia estragar minha reputação de santa.

Florence voltou a cortar o repolho; uma opção econômica, mesmo por vinte pratas. Ela não sabia direito até quando o filho suportaria esse vegetal.

Os outros morriam de curiosidade do virtuosismo dela, por ter assumido um trabalho tão exigente e ingrato naqueles quatro longos anos. Mas as suposições sobre sua natureza angelical eram equivocadas. Depois de ralar em um emprego mal remunerado após outro, quase sempre de meio expediente, qualquer altruísmo crédulo que motivara sua estúpida formação dupla em estudos americanos e política ambiental, na Barnard, tinha sido quase que inteiramente enxotado dela. Metade de seus empregos fora eliminada pelo fato de uma inovação qualquer ter ficado obsoleta de uma hora para outra; ela trabalhara em uma companhia vendendo ceroulas elétricas que economizavam o custo dos aquecedores, e de repente os consumidores passaram a querer apenas ceroulas aquecidas à base de grafeno eletrificado. Outros empregos foram eliminados pelo que, perto dos seus vinte anos, eram chamados de *bôs*, mas que agora os trabalhadores americanos dispensados chamavam de *roubs*, por razões óbvias. Seu emprego mais promissor tinha sido em uma *startup* que fazia saborosas barras de proteína a partir de grilo em pó. Entretanto, quando a Hershey's entrou na produção em massa de um produto similar, só que notoriamente cheio de óleo, o mercado de tira-gostos à base de insetos foi para o brejo. Assim, ao topar com um cargo em um abrigo municipal em Fort Greene, candidatou-se, por uma combinação de desespero e astúcia: a única coisa que estava fadada a nunca faltar na cidade de Nova York eram pessoas sem-teto.

— Mãe — chamou Willing em voz baixa, no vão da porta —, não é minha vez de tomar banho?

Fazia só cinco dias que seu filho de treze anos tomara banho pela última vez, e ele sabia muito bem que a quota de todos era uma chuveirada por semana (tinham caixas e mais caixas de xampu seco para usar). Willing também reclamava que ficar embaixo do chuveiro de ultra conservação que eles usavam era como “passear na neblina”. Era verdade que os borrifos finos

dificultavam tirar o condicionador do cabelo, mas a resposta não era usar mais água. Era parar de usar condicionador.

— Acho que ainda não... mas vai lá. — Ela cedeu. — Não esqueça de fechar a água enquanto se ensaboa.

— Eu fico com frio. — A enunciação dele foi monocórdica. Não era uma reclamação. Era um fato.

— Li que tremer de frio é bom para o metabolismo.

— Então, meu metabolismo deve estar *irado* — rebateu Willing em tom seco, e deu meia-volta. A gozação com o vernáculo ultrapassado da mãe não foi justa. Fazia séculos que ela aprendera a falar *maligno*.

— E se você estiver certa e essa coisa da água só piorar? — perguntou Esteban, pegando os pratos para o jantar. — Seria melhor abrir as torneiras até o fim enquanto a gente pode.

— Às vezes eu sonho com longos banhos de água quente — confessou Florence.

— Ah, é? — Esteban envolveu a cintura dela por trás, enquanto a mulher tirava o miolo de outro pedaço de repolho. — No fundo dessa santinha tensa e mandona mora uma hedonista que está tentando sair.

— Nossa, antigamente eu me refestelava embaixo de uma água torrencial, o mais quente que conseguisse suportar. Uma vez, quando eu era adolescente, o vapor foi tanto que estraguei a pintura do banheiro.

— Essa é a coisa mais sensual que você já me contou — cochichou ele em seu ouvido.

— Bem, isso é deprimente.

Esteban riu. Seu trabalho consistia em levantar corpos idosos, não raro obesos, para fazê-los entrar e sair de cadeiras de rodas motorizadas — *motocads*, para quem era pelo menos um pouco chique —, e isso o mantinha em forma. Florence sentiu o peitoral e o abdômen rijos pressionando suas costas. Ela certamente estava cansada, e podia ter quarenta e quatro anos completos, mas essas aproximações de Esteban, ultimamente, faziam com que se sentisse um brotinho, e isso era excitante. O sexo deles era bom. Ou era coisa de mexicano, ou Esteban era simplesmente um homem incomum — e, ao contrário de todos os outros caras que ela conhecera, ele

não fora criado em uma dieta rigorosa de pornografia desde os cinco anos de idade. Gostava de mulheres de verdade.

Não que Florence se considerasse um grande partido. Sua irmã caçula tinha levado a melhor na aparência. Avery era morena e de curvas delicadas, com aquele toque de fragilidade que os homens achavam tão atraente. Musculosa e forte por se manter sempre em atividade, inquieta, com quadris estreitos, o rosto comprido e a juba castanho-avermelhada em desalinho que vivia escapando do lenço estilo pirata que ela usava para manter os cachos rebeldes controlados, Florence sempre fora caracterizada como uma “cavala”. Até Esteban se apegar a essa descrição com afeto, dando tapinhas nas cadeiras de sua potranca nervosa, ela a considerara pejorativa. Talvez houvesse coisas piores do que ser parecida com um cavalo.

— Sabe, eu tenho uma filosofia totalmente diferente — murmurou Esteban no seu pescoço. — Não vai mais ter peixe? Pois meta a cara no badejo chileno sem pensar no amanhã.

— O perigo de não haver peixe amanhã é justamente a questão. — O estalo puritano da língua foi temperado com uma paródia dela mesma; Florence sabia que sua fachada severa e escrupulosa dava nos nervos dele. — E, se a reação de todo mundo à escassez de água for tomar banhos de meia hora enquanto for possível, vamos ficar sem água muito antes. Mas se esse não é um motivo bom o bastante para você, não esqueça que a água é cara. *Um monstro* de cara, como diz a garotada.

Esteban soltou a cintura dela.

— *Mi querida*, você é uma tristeza. Se a Idade da Pedra nos ensinou alguma coisa, foi que o mundo pode ir pro espaço num estalo. Nos intervalos entre as desgraças, a gente bem que podia tentar se divertir.

Ele tinha razão. A intenção de Florence era fazer render aquele quase meio quilo de carne de porco moída em duas refeições; era a primeira carne vermelha que eles comiam em um mês. Depois que Esteban pediu para curtirem o momento, ela tomou a decisão impulsiva de servir porções de cento e cinquenta gramas para cada um, de uma vez só, sentindo-se zozona com o desperdício e a desinibição, até se refrear: *isso porque somos pessoas de classe média*.

Na Barnard, escrever sua tese de estudos avançados sobre “Classe social, de 1945 ao presente” parecera uma ousadia, porque os americanos se gabavam de estar acima das classes. Mas isso tinha sido antes da lendária derrocada econômica que coincidira catastróficamente com sua formatura na faculdade. Depois disso, os americanos só falavam de classes.

Florence tinha um estilo meio brusco e prático, e a autocomiseração não lhe caía bem. Graças ao dinheiro do seu avô, as dívidas dela com a inútil formação universitária eram menos onerosas que as de muitos de seus amigos. Talvez ela invejasse a aparência da irmã, mas não a vocação de Avery; ela não falava para ninguém, mas considerava aquela prática terapêutica secundária, a “MenteCorpo”, uma baboseira parasítica. Comprar a casa em East Flatbush tinha sido perspicaz da parte de Florence, porque o bairro antes decadente tornara-se de alta classe. Em Mumbai, os indianos se rebelavam por não poder arcar com o preço dos legumes, mas ela ainda podia ao menos pagar pelas cebolas. Tecnicamente, Florence podia ser considerada “mãe solteira”, mas as mães solteiras do país ultrapassavam o número das casadas, e aquela expressão havia caído em desuso.

Apesar disso, os pais dela nunca tinham entendido. Embora se desmanchassem em exclamações sobre como se sentiam “orgulhosos”, a ideia de que sua filha mais velha, já na casa dos quarenta, precisasse de incentivo era um insulto. Agora, a adulação deles por causa daquele emprego no abrigo era insuportável. Florence não aceitara o trabalho por ser louvável; aceitara-o por ser um emprego. O abrigo prestava um serviço público vital, mas, em um mundo perfeito, esse serviço seria prestado por outra pessoa.

Os pais dela, é claro, tinham sofrido seus próprios revezes. Fazia muito que o pai, Carter, sentia que não estava alcançando o seu melhor no jornalismo impresso, empacado fazia séculos no *Newsday* de Long Island, sem nunca pôr a mão nos cargos influentes e bem-remunerados, cujos privilégios julgava merecer por seu trabalho árduo. (Além disso, o pai sempre parecera se considerar superior à irmã, Nollie, que, segundo ele, nunca fizera nenhum esforço, e cujos livros, como ele insinuara em mais de uma ocasião, eram supervalorizados.) Por volta do fim da carreira, porém, ele tinha conseguido um emprego em seu amado *New York Times* (que Deus o

tenha). Era apenas um cargo no caderno de Automóveis e, mais tarde, no de Imóveis, mas ter ingressado no jornal que ele mais reverenciava constituía um tributo vitalício. Jayne, a mãe de Florence, cambaleava de um projeto apocalíptico para outro, mas *havia gerenciado* a adorada livraria Shelf Life antes de sua falência; *havia gerenciado* aquela delicatessen artesanal na rua Smith, antes de ser saqueada durante a Idade da Pedra e de Jayne ficar traumatizada demais para voltar a pôr os pés na loja. E eles eram proprietários da própria casa, isso era claro como água. Sempre tiveram *carro*. Haviam enfrentado os problemas habituais de conciliar família e carreira, mas tinham carreiras, sim, não meros empregos. Quando Jayne engravidara pela última vez, já tardiamente, eles se preocuparam com a diferença etária entre o novo bebê, Jarred, e as duas filhas, mas ninguém se angustiara como Florence durante a gravidez de Willing, porque ela não tinha certeza de que teria condições de arcar com a criação do bebê.

Como eles poderiam entender as agruras da filha mais velha? Durante seis longos anos, depois da formatura, Florence precisou morar com os pais em Carroll Gardens, e esse grande borrão de coisa nenhuma ainda manchava seu currículo. Pelo menos, seu irmãozinho Jarred estava no ensino médio e lhe fazia companhia, mas era humilhante ter batalhado tanto naquele bacharelado idiota só para ficar experimentando novas receitas de brownies com pasta de amendoim e gotas de chocolate sabor hortelã. Durante a chamada “recuperação”, ela enfim se mudara, passando a dividir acomodações apertadas e mambembes com contemporâneos também diplomados em universidades da Ivy League, em cursos de história ou ciência política, e que também preparavam café, serviam mesas e vendiam aqueles *smartphones* antigos que quebravam e tinham de ser recarregados o tempo todo nas lojas da Apple. Nenhum emprego idiota, de todos os que ela havia conseguido desde então, tinha a mais vaga relação com sua formação universitária.

É verdade que o país tinha se recuperado da Idade da Pedra mais depressa que o previsto. Os restaurantes de Nova York estavam novamente abarrotados, e o mercado de ações fervilhava. Mas ela não acompanhara a evolução para saber se o Dow Jones tinha chegado a trinta ou quarenta mil, porque nada daquela alta frenética ajudara Willing, Esteban e Florence a

subir de vida. Logo, talvez ela não fosse de classe média. Talvez esse rótulo fosse o mero resíduo da origem em uma família culta, letrada, daquilo a que a pessoa se agarrava para se separar de gente que se encontra em situação muito pior que a sua. Não há muitos pratos que se possam preparar apenas com cebolas.

— Mãe! — gritou Willing da sala de visitas. — O que é *moeda de reserva*?

Enxugando as mãos no pano de prato — a água fria e cinza não eliminara a gordura dos hambúrgueres de carne de porco —, Florence encontrou o filho recém-saído do banho, com o cabelo preto e úmido despenteado. Apesar de ter crescido uns cinco centímetros naquele ano, o garoto era franzino e ainda meio baixo, considerando que faria quatorze anos dali a três meses. Tinha sido muito intempestivo quando pequeno. Contudo, desde aquele fatídico março de cinco anos antes, vinha sendo não exatamente medroso — não era infantil —, mas *atento*. Era sério demais para a idade, e muito calado. Às vezes, Florence se sentia desconfortavelmente observada, como se estivesse sempre sob o olhar vigilante de uma câmera de segurança. Não sabia ao certo se desejava se esconder do próprio filho, mas sabia que a melhor estratégia para proteger sua privacidade não era a dissimulação, mas a apatia — o fato de outras pessoas apenas não estarem interessadas.

Bastante desanimado para um cocker spaniel — embora a testa perpetuamente franzida de apreensão pudesse indicar uma gota do sangue de cão de caça —, Milo estava desabado junto ao dono, com o queixo apoiado no chão de forma lúgubre. Sua pelagem chocolate tinha bastante brilho, mas os olhos castanhos pareciam preocupados. Que dupla.

Como era típico àquela hora da noite, Willing não estava instalado diante de videogames de alienígenas e senhores da guerra, mas do noticiário da tv. Engraçado, durante anos tinham previsto a morte da televisão. Os canais eram transmitidos por *streaming*, mas o formato sobrevivera — proporcionando o fogo aberto, o calor comunitário que um aparelho de uso exclusivamente pessoal jamais poderia substituir. Depois que os jornais foram quase todos extintos, o jornalismo impresso dera lugar a uma ralé de amadores

que divulgava notícias não verificadas e sempre com fins ideológicos. O noticiário televisivo era quase a única fonte de informação em que Florence tinha vaga confiança. *Agora que o dólar caiu abaixo de 40% das cotações mundiais...*, lamentava em voz alta o âncora do noticiário.

— Não faço ideia do que seja *moeda de reserva* — admitiu ela. — Não acompanho toda essa chatice econômica. Quando me formei na faculdade, as pessoas só falavam nisto: derivativos, taxas de juros, uma coisa chamada LIBOR. Era cansativo, e eu já não tinha interesse para começar.

— Não é importante?

— Meu interesse não é importante. Juro que passei anos lendo jornais do início ao fim. Conhecer aquelas coisas, a maioria das quais esqueci, não fez a menor diferença. Para falar a verdade, eu gostaria de ter aquele tempo de volta. Achei que sentiria falta dos jornais, mas não sinto.

— Não diga isso ao Carter — recomendou Willing. — Isso o magoaria.

Florence ainda se encolhia ao ouvir “Carter”. Os pais dela tinham insistido para que todos os netos os tratassem por seus nomes. Tendo “só” cinquenta anos e cinquenta e dois anos quando a primeira filha de Avery nasceu, os dois resistiram a “vovó e vovô” como algo que conotava um status geriátrico com o qual não conseguiam se identificar. Obviamente, imaginavam que ser “Jayne e Carter” para a geração seguinte induziria a uma camaradagem acolhedora e igualitária, como se não fossem mais velhos, e sim coleguinhas. Supunha-se também que rejeitar a convenção os tornasse audaciosos e modernos. Para Florence, contudo, isso era estranho: o filho se referia aos pais dela com mais familiaridade do que ela mesma. Aquela recusa em aceitar a marca nominativa do que de fato eram — avós do Willing, querendo ou não — sugeria um autoengodo e, portanto, era só um gesto de fraqueza, algo que a deixaria constrangida por eles, se os dois não tivessem a perspicácia de se constranger sozinhos. A camaradagem forçada não incentivava intimidade, mas desrespeito. Em vez de ser pelo menos um pouco diferente do padrão, a rotina de “Jayne e Carter” era cansativamente típica da primeira geração do pós-guerra. Mesmo assim, Florence não devia descarregar sua exasperação em Willing, que só estava fazendo o que mandavam.

— Não se preocupe, eu nunca falaria mal dos jornais com seu avô — respondeu Florence. — Mas, mesmo durante a Idade da Pedra... Todo mundo achou aquilo terrível, e algumas partes foram mesmo um horror. Mas, puxa, para mim, ficar livre de todo aquele ruído foi um barato enorme. — Ela levantou as mãos e continuou: — Desculpe! Foi *relapso*. Tudo pareceu leve, tranquilo e franco. Eu nunca tinha me dado conta de que o dia era tão comprido.

— Você voltou a ler livros — disse Willing. A referência à Idade da Pedra o deixou pensativo.

— Bem, os livros não duraram! Mas você tem razão, eu voltei, sim, a ler livros. Do tipo antigo, com páginas. Tia Avery dizia que isso era “excêntrico”.

Florence deu um tapinha no ombro do filho e o deixou entregue ao Noticiário Mais Chato de Todos os Tempos. Caramba, ela devia ser mãe do único menino de treze anos do Brooklyn que ficava fissurado nas notícias do mundo dos negócios.

Enquanto dava uma olhada no arroz, ela tentou lembrar o que seu filho esquisito dissera sobre o recrudescimento da desnutrição na África e no subcontinente indiano, depois de ambas as regiões terem feito avanços tão grandes. Era um absurdo que os pobres não pudessem comprar a própria comida, ela lamentara com o filho, já que o planeta tinha alimentos em abundância. Willing respondera, de forma obtusa: “Não, não existe abundância.” E em seguida recapitulara a explicação tortuosa de seu bisavô — algo do tipo: “Só parece haver uma abundância de alimentos. Se você der mais dinheiro aos pobres, os preços subirão ainda mais, e eles continuarão sem conseguir comprar.” O que não fazia o menor sentido. Perto de Willing, ela deveria ser mais cuidadosa ao monitorar a propaganda do avô. O velho era adepto do liberalismo econômico por convicção, mas Florence nunca conhecera ninguém com dinheiro que não tivesse *instintos* conservadores. Um desses instintos era fazer com que o moralmente óbvio (se bem que inconveniente, em termos tributários) parecesse muito complicado. Tipo, o arroz está caro demais, então, dê dinheiro às pessoas para comprá-lo. Que dúvida.

Willing parecia muito discreto e desprezioso na escola, mas, a portas fechadas, podia ser bastante cheio de si.

— A propósito, combinei de conversar com minha irmã depois do jantar — disse Florence a Esteban, quando ele foi pegar uma cerveja gelada. — Então espero que você não se incomode em lavar a louça.

— Me deixe usar água de verdade que eu lavo a louça todas as noites.

— A cinza é de verdade, só não é muito transparente.

Ela não queria travar essa batalha todas as noites, e foi um alívio Esteban ter mudado de assunto quando os hambúrgueres de porco começaram a chiar no fogão.

— Hoje à tarde conheci o novo grupo que vamos levar ao monte Washington — comentou Esteban. — Já identifiquei o encrenqueiro. Nunca são os clientes fracos e bobocas que causam aborrecimentos, são os super-heróis geriátricos. Quase sempre homens, embora às vezes seja uma velhota durona, do tipo ainda-acho-que-tenho-trinta-e-cinco-anos, toda colada com durex e que já gastou centenas de milhares de dólares em cirurgias plásticas.

Esteban sabia que Florence não gostava que ele falasse com esse desprezo das pessoas de quem cuidava, mas era compreensível que precisasse descarregar a frustração fora do alcance dos ouvidos da clientela.

— E quem é a dor de cabeça? Cacete, essa carne tem tanta água que os hambúrgueres vão ficar cozidos.

— Ele deve estar para lá dos oitenta. Tem aquele jeito, com os bíceps fibrosos de quem passa horas na academia e não notou que agora faz exercícios de braço com halteres de madeira. Não quis ouvir minhas instruções de segurança. A única pergunta que fez foi como lidamos com o fato de as pessoas “terem ritmos diferentes”, e de alguns montanhistas preferirem “exigir tudo de si”. O sujeito é uma figura. Esses caras são atletas, ou eram, embora isso tenha sido antes de duas cirurgias de reconstrução do quadril e cinco cirurgias cardíacas minimamente invasivas. Você pode apostar que eles têm dinheiro e que, antes da aurora dos tempos, fizeram alguma coisa de impacto, e por isso ninguém se atreveu a lhes dizer que estão velhos pra cacete. Em geral, é o médico ou a cônjuge que determinam que eles não podem mais se embrenhar na mata sem alguém para catar seus pedaços quando caírem numa vala e quebrarem as pernas. Mas eles nunca se contentam com a ideia de fazer trilha em grupo, vivem olhando para os outros desgraçados artríticos e pensando *O que*

estou fazendo com essas bostejantas?, quando, na verdade, se encaixam direitinho entre elas. Esses caras não seguem instruções e não esperam. São eles que sofrem acidentes e dão má fama à flor da idade. Num passeio de canoa, são os que saem remando sozinhos e pegam o afluyente errado, e aí a gente tem que abandonar a expedição inteira para achar os ditos-cujos. Porque eles não gostam de seguir os guias. Especialmente um guia *lat*. Ficam furiosos que os *lats* estejam dando as cartas agora, já que alguém tem que...

— Chega. — Florence jogou o repolho no que começava a parecer uma sopa de carne de porco. — Não esqueça de que estou do seu lado.

— Sei que você está cansada disso, mas você não faz ideia das ondas de ressentimento que eu recebo desses cascas-grossas todo os dias. Eles querem sua dominação de volta, até quando se acham progressistas. Ainda querem ser reconhecidos por serem tolerantes, e não querem assumir que a pessoa só “tolera” aquilo que não consegue aceitar. Além disso, temos de tolerar esses brancos-azedos do mesmo jeito que eles têm de nos aguentar. O país é tão nosso quanto desses gringos ultrapassados. Seria até mais nosso, se esses cretinos brancos de perna bamba se apressassem e morressem logo de uma vez.

— *Mi amado*, você está indo longe demais. — Era a bronca padrão de Florence. — Por favor, não fale assim perto do Willing.

Como sempre, ela não precisou pedir ao companheiro para pôr a mesa, encher os copos de água e completar o sal do saleiro. Esteban tinha crescido em uma família grande, e ajudar era coisa rotineira. Ele fora o primeiro namorado a convencer Florence de que o simples fato de não *precisar* de companhia, e de não *precisar* de ajuda para criar seu filho, não significava que ela não pudesse *gostar* de um homem na sua cama, e *gostar* que Willing pudesse desfrutar de algo parecido com um pai — alguém com o mérito de ter feito o menino se tornar bilíngue. Ao mesmo tempo, Esteban era da segunda geração e falava inglês sem o menor sotaque; as inserções ocasionais do espanhol eram quase sempre de gozação, uma encenação divertida do estereótipo que seus clientes idosos engoliam de bom grado. Ele podia não ter feito faculdade, mas, na opinião de Florence, essa tinha sido uma decisão financeira esperta.

Quanto à questão étnica, não era verdade, ao contrário do que claramente acreditava sua irmã, que ela tivesse arranjado um *lat* para ficar na moda (opa, para ser *relapsa*), para se aliar àquilo que não podia derrotar, ou para renegar sua herança em função da costumeira culpa liberal. Esteban era um homem enérgico, responsável e vigoroso, qualquer que fosse sua genealogia, e os dois tinham muita coisa em comum, inclusive o fato de que seu sentimento favorito era a repulsa. Ainda assim, a escolha de um companheiro mexicano lhe dava a sensação de estar do lado certo da história — receptiva, miscigenadora e voltada para o futuro —, e Florence tinha de admitir que a origem dele era um fator positivo. Se ela se sentiria tão atraída por Esteban caso ele fosse um branco comum, era uma pergunta que não cabia formular. As pessoas são complexas. Não se pode separar quem elas são do que elas são, e o resumo da história era que Florence achava a pele cor de noz de Esteban, sua trança preta e sedosa e as maçãs do rosto altas e largas irresistivelmente sensuais. Em sua diferença, ele ampliava o mundo dela e lhe dava acesso a um rico e complexo universo paralelo americano, que, para paranoicos direitistas precavidos como sua irmã, só consistia em uma ameaça impenetrável e monolítica.

— Ei, você se lembra daquele cara que se mudou ali para o outro lado da rua no ano passado? — perguntou Florence quando Esteban voltou para varrer os pedacinhos de repolho no chão da cozinha. — Brendan não sei de quê. Na época, eu disse pra você que aquele era um sinal de que hoje em dia eu nunca conseguiria comprar uma casa nesse bairro. Ele trabalha em Wall Street.

— É, tenho uma vaga lembrança. Banqueiro de investimentos, você disse.

— Topei com ele hoje de manhã, a caminho do ponto de ônibus, e tivemos uma conversa bem estranha. Acho que ele estava tentando ser agradável. Tenho a impressão de que gosta de mim.

— Opa, não estou gostando disso!

— Ah, tenho certeza de que é mais uma consequência dessa reputação nojenta de bondade e misericórdia que me acompanha feito um cachorro que caiu da mudança. Pois ele me disse que devíamos tirar nossos investimentos do país imediatamente, hoje mesmo. Devíamos transferir qualquer valor em

dinheiro para uma moeda estrangeira... Quer dizer, que dinheiro? Eu gostaria que isso não fosse tão engraçado... E devíamos sair de quaisquer “ativos em dólar”, entre aspas. Nossa, como o homem foi teatral! Talvez gente assim não tenha muito drama na vida. Ele tocou no meu ombro e me olhou bem nos olhos, tipo *isto é sério pra caralho e eu não estou brincando*. Foi hilário. Nem imagino o que fez esse cara pensar que gente como nós tem “investimentos”.

— Poderíamos ter, se o seu *abuelo* rico batesse as botas.

— Para a gente ver um centavo daquela herança também seria preciso que os meus pais batessem as botas, então, não provoque o destino.

Embora Esteban não fosse nenhum oportunista, qualquer referência à fortuna dos Mandible, cujo tamanho ninguém parecia saber qual era, deixava Florence desconfortável. A riqueza do avô paterno não afetara de maneira significativa a sua criação modesta. Há tempos ela fazia um esforço enorme para convencer o namorado *lat* de que não era só mais uma gringa preguiçosa, mimada e privilegiada que não merecia a sorte que tinha, e, toda vez que o dinheiro vinha à baila, aquela caricatura de garota paparicada tornava a mostrar a cara. Já era bem delicado ela ter a escritura da casa de número 335 da East 55th Street e resistido às ofertas de Esteban para contribuir com os pagamentos da hipoteca. Fazia cinco anos que eles estavam juntos, mas deixá-lo criar algum direito sobre o imóvel significaria confiar no relacionamento um tantinho mais do que parecia adequado, levando em conta que antes dele uma fileira de predecessores já se revelara um bando de decepções espetaculares.

— O que você acha que fez o sujeito dizer isso? — perguntou Esteban.
— Assim, do nada?

— Não sei. Ouvi por alto no noticiário que um banco da Inglaterra faliu, uns dias atrás, mas grande coisa. Isso não tem nada a ver conosco. E ontem, sei lá, um não-sei-quê não “fez o *rollover*” de alguma coisa... Você sabe que não acompanho esse troço. E isso foi em algum lugar da Europa, ainda por cima. Depois de anos de “queda constante do euro”, estou num cansaço monstro dos eternos problemas financeiros deles. Mas, enfim, o noticiário que Willing estava vendo disse mesmo alguma coisa sobre investimentos. Mas aposto que Brendan só estava tentando me impressionar.

— Ah, e por falar em superesquisito — lembrou ela, servindo os pratos —, Brendan perguntou se éramos proprietários desse imóvel. Quando respondi que sim, embora um inquilino me ajudasse a cobrir os pagamentos da hipoteca, ele disse: “Ser proprietária pode se revelar auspicioso. Do inquilino você talvez se arrependa.”

Éra fácil demais inventar recordações para aquelas perguntas do tipo onde-você-estava-quando-determinada-coisa-aconteceu, olhar para trás e impor a um passado trêmulo e aguado os fatos concretos do que se soube depois. Para gente como a tia-avó de Florence, Nollie, a pergunta seria sobre o assassinato de Kennedy; para a geração da mãe de Florence, o 11 de setembro. Por isso, Willing resolveu que, quando se lembrasse daquela noite, se lembraria de verdade — inclusive dos detalhes dos hambúrgueres de carne de porco com textura arenosa, da longa videoconferência entre a mãe dele e a irmã depois do jantar e da falta d’água (já então, protocolo rotineiro). Ele guardaria humildemente na memória o fato de que, na ocasião, não compreendia a ideia de “moeda de reserva”. Também não compreendia o que era “leilão de títulos”, embora sem dúvida tivesse havido décadas inteiras, se não séculos, em que os dois conceitos eram considerados maçantes e irrelevantes por quase todo mundo. Mesmo assim, no futuro ele se certificaria de se atribuir pelo menos este mérito: durante o noticiário das sete da noite, apesar de não entender o tal “leilão de títulos do Tesouro dos Estados Unidos”, com sua “alta da taxa de juros”, ele havia captado, sim, o tom.

Tinha o ouvido afinado para isso desde a Idade da Pedra. Todas as outras pessoas acharam que o pior já havia passado; a ordem fora restabelecida, gloriosa e permanentemente. Para Willing, no entanto, durante seu próprio momento de onde-você-estava-quando, na grandiosa idade de oito anos, o Dia em Que Nada Funcionou tinha sido uma revelação, e as revelações não se desrevelavam, não voltando a se encaixar no armário. Em consequência dessa epifania irreversível, ele aprendera a virar as expectativas de cabeça para baixo. Não havia nada de impressionante no fato de as coisas não funcionarem, desmoronarem. A falha e a decadência eram o estado natural

do mundo. O impressionante era que alguma coisa funcionasse como se pretendia, fosse pelo período que fosse. Assim, ele passara a parte final da infância em um estado de admiração agradecida — pela televisão brilhando com cores supersaturadas (ela ligou! de novo!), por sua mãe voltar para casa em um ônibus que andava na hora certa, ou apenas andava, e pela água limpa correndo da torneira, ainda que ele raras vezes tivesse permissão para tocá-la.

Quanto ao tom, ele o identificou enquanto sua mãe ainda estava de papo junto ao repolho, na cozinha. Nem sua mãe nem Esteban detectaram o timbre. Só Willing prestou atenção. Willing e Milo, melhor dizendo: olhos atentos, postura desconfiada, orelhas em pé, o cachorro também discerniu uma entonação curiosa. É que os âncoras dos noticiários falavam com um tipo de excitação nervosa que era peculiar. As pessoas que apresentavam as notícias adoravam quando acontecia alguma coisa. Ninguém poderia censurá-las, uma vez que era seu trabalho dizer o que havia acontecido, e elas gostavam de ter algo para fazer. Se os acontecimentos eram ruins, o que quase sempre acontecia, já que as boas notícias eram basicamente sobre a mesmice, elas ficavam envergonhadas por se mostrarem tão contentes. Os piores âncoras encobriam essa felicidade com uma grande e exagerada tristeza falsa, que não enganava ninguém e que Willing gostaria que fosse deixada de lado.

Pelo menos ninguém tinha morrido naquela noite, e as ocorrências imperscrutáveis relatadas estavam relacionadas a números e expressões atrapalhadas que ele podia apostar que quase todo o resto dos telespectadores também não entendia. Por isso, os apresentadores e seus convidados não tinham feito aquela cara comprida nem baixado o tom de voz para um pesar artificial. Ao contrário, todos no jornal pareciam satisfeitos, até empolgados. Mas essa alegria tensa era marcada pela aguda consciência de que, tanto quanto sua capacidade permitisse, eles deviam mascarar uma exultação da qual viriam a se arrepender. O tom se resumia a: isto é divertido agora, mas não será depois.

Em um futuro próximo e devastador, quatro gerações de uma família norte-americana outrora próspera sofrem as consequências de crises globais assustadoramente reais.

Uma guerra fria de escala mundial reestrutura a ordem socioeconômica do planeta, criando novos eixos de poder. A União Europeia se desfaz, a China enfim é alçada ao posto de maior potência global e o longo período de prosperidade dos Estados Unidos chega ao fim. Da noite para o dia, o dólar despenca e, além do valor, perde também seu prestígio: uma nova moeda internacional, o bancor, chega para substituí-lo.

Florence Mandible sofre as consequências desse cenário como uma típica representante da classe média. Uma cabeça de repolho passa a custar 20 dólares, o racionamento de água torna-se padrão e o ritual matinal já não inclui mais café – a mudança climática arruinou as safras – nem jornais, já que todos deixaram de existir.

Sem escolha a não ser acolher os familiares sob seu teto – parentes que, assim como ela, dependem da herança do saudável patriarca da família, Douglas Mandible, de 97 anos –, Florence logo se torna responsável pela administração de um ecossistema familiar muito frágil, suscetível às mais dramáticas pulsões da natureza humana – como furto, alcoolismo e abandono de incapazes.

Em *A família Mandible: 2029 – 2047*, Shriver narra os percalços de um típico clã norte-americano moderno e, como a guia experiente de um safári humano, conduz o leitor por detalhes muito íntimos da psique de seus personagens. Ambientada em um futuro que já se vê dobrando a esquina, a saga dos Mandible é o retrato de um apocalipse menos catastrófico, mas igualmente perturbador: a completa ruína financeira.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/1030/

